



Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice

*Salesiane di Don Bosco*

Província Nossa Senhora de Fátima - POR  
Estoril - Portugal



*Madre  
Antonia  
Colombo*

REEVOCANDO III EQUIPA DA FORMAÇÃO 09 DE MAIO DE 2022

## MOTIVAÇÃO

Apresentando-nos **Madre Antónia Colombo**, o Reevocando deste mês abre-nos mais uma janela sobre o caminho do Instituto, trazendo à nossa memória e ao nosso coração aspetos específicos do seu perfil e da sua ação de animação e governo<sup>1</sup>.

Pensar na 8ª sucessora da nossa Madre é pensar numa mulher coerente, apaixonada por Jesus e sempre em busca das vias mais adaptadas para O anunciar às jovens e aos jovens, desperta no acolher os sinais dos tempos, como cidadã ativa, perfeitamente inserida no contexto social e de coração aberto às dimensões do mundo e ao caminho da Igreja.

---

<sup>1</sup> A presente reflexão teve por base o conteúdo da *carta/perfil* enviada ao Instituto, pela Madre Yvonne Reungoat, com data 8 de setembro de 2019.

## PERFIL BIOGRÁFICO

Antónia nasceu em Lecco, no dia 12 aprile 1935, numa família rica de amor, laboriosa, de fé simples e sólida. Tinha apenas um irmão. Era mais velho e faleceu em novembro de 2018. O pai fazia e comerciava artigos de couro. A mãe, mulher sábia, dizia com frequência: “O que o Senhor nos pede nunca é demais”. Ambos envidaram esforços para que os dois filhos prosseguissem os estudos, cientes de que lhes seria de maior proveito do que uma herança em dinheiro. Grata, Madre Antónia escrevia: «A influência do ambiente familiar plasmou em mim atitudes humanas fundamentais: retidão, laboriosidade, compaixão, certeza da presença de Deus providente, amor que promove e encoraja». Também a paz do lago de Como e a aspereza das montanhas que o rodeiam - e de que madre Antónia tanto gostava - contribuíram para modelar o seu temperamento simultaneamente doce e forte. Na família e neste meio natural, jazem as raízes do equilíbrio e retidão que sempre distinguiram o seu ser e agir.

Antónia conheceu as FMA no oratório de Lecco e frequentou a escola média por elas dirigida. Escreveu: «Apercebi-me imediatamente de uma forte atração pelas novas Irmãs, sempre alegres e disponíveis, tão interessadas pelas jovens e tão próximas, chegando até elas mesmo durante a semana, com bilhinhos de convite e mensagens. Tendo sido animadora no oratório, reconheceu: «Este compromisso amadureceu-me no conhecimento das dificuldades e perigos em que viviam algumas oratorianas». Isso motivou-a a escolher a Faculdade de Jurisprudência, a fim de se tornar advogada e ajudar as pessoas mais pobres, a defender os seus direitos. Afirmou: «pensava numa escolha profissional que me permitisse desenvolver um trabalho social em favor dos mais necessitados, especialmente das jovens que vivem num contexto familiar pobre ou em risco moral». Seria já o despontar gradual da sua vocação?! Talvez. A própria Madre Antónia narra ‘instantâneos’ desse desabrochar. Um deles, a pergunta de uma FMA: «Mas tu, o que queres fazer da tua vida?» Outro veio de Madre Margherita Sobbrero que a interpelou à queima-roupa: “Quando é que vens para o pé de nós?” Estes momentos não só despertaram no seu coração a possibilidade de vida religiosa, mas também fizeram luz - como ela mesma escreveu- sobre «o motivo de desinteresse por aquilo que constituía o desejo normal das coetâneas». A reflexão sobre tais questões

levou ao que ela mesma disse: «comecei a dar nome à minha paixão pelo oratório e pelas meninas a mim confiadas».

Ao conhecerem a opção de vida da filha bem-amada, os pais sofreram muito, sobretudo o pai. Valeu-lhes o filho Aquilino que os ajudou a acolher a vocação religiosa de Antónia. Aliás, mais tarde, até manifestaram grande contentamento por a sua filha pertencer a um tão nobre Instituto religioso, onde entrou no dia 8 de abril de 1956. Logo se inseriu num grupo de jovens adultas, cuja assistente, ex-colaboradora de D. Maccono, lhe abriu vastos horizontes e a fez amar Madre Mazzarello. Tornou-se postulante e, simultaneamente, continuou a estudar e a redigir a tese.

O noviciado, com mais 60 jovens, foi um tempo de serena e empenhativa formação. Fez a profissão religiosa no dia 6 de agosto 1959, ano em que também se licenciou em Jurisprudência. Lecionou Direito durante um ano. De 1960 a 1963 estudou Psicologia na Universidade Católica de Lovaina. Desde então e até 1989 viveu imersa no ensino e na resposta a crescentes exigências ligadas à docência, sobretudo no Instituto Pedagógico tornado Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação, o *Auxilium*, onde assumiu diversas funções.

Nomeada Provincial em 1989, exerceu até ao Capítulo geral XIX, sendo então eleita Conselheira Visitadora. No Capítulo Geral seguinte, foi eleita Superiora geral e reeleita em 2002. Sucedeu-lhe Madre Yvonne Reungoat. Como Conselheira Visitadora, realizou visitas canónicas nas então duas Inspetorias da França, na Inspetoria japonesa e em duas Inspetorias da Itália. Visitou a Bélgica, o Uruguai, as Inspetorias Véneta e a Piemontesa Maria Auxiliadora. Como Madre Geral deslocou-se a outros pontos do mundo salesiano, incluindo Portugal.

Terminado o serviço a nível central do Instituto, Madre Antónia ficou na Casa geral durante um ano, submetendo-se a uma delicada intervenção cirúrgica e a terapias decorrentes. Seguiu-se um triénio como Diretora na Casa “Madre Ersília Canta”. Findo este, continuou na Casa geral, como simples irmã, sujeitando-se a outras intervenções, na tentativa de debelar a difusão de um tumor. Em 11 agosto 2014 foi acolhida na Casa de Repouso de S. Ambrogio Olona, onde viveu a purificação e o despojamento, devido à doença que a privou da sua memória admirável, mas não da finura das relações, nem do sorriso, nem da delicada atenção às pessoas, nem de espontâneas expressões de gratidão em seus lábios, prova de um coração repleto de paz e habitado pela presença de Deus.

Na tarde do dia 1 de julho 2019, Madre Antónia terminou a sua missão na terra, em ponta de pés e em amor silencioso. A quem a assistia, com particular referência à Ir. Cândida Aspesi, deixou o testemunho de uma FMA feliz, em serena adesão ao desígnio de Deus, tendo feito seu o seguinte versículo da liturgia: *“Que eu Te conheça intimamente, ó Cristo! E, tua companheira na paixão, possa ressuscitar contigo!”*.

## TRAÇOS DA ESPIRITUALIDADE E ANIMAÇÃO

Depreende-se que, paulatinamente, o Senhor foi preparando a alma de Antónia, para acolher o Seu chamamento. Deixou escrito: «Nos primeiros meses de 1956, enquanto preparava o exame de medicina legal, eis a percepção interior do chamamento: “Lá estaremos sempre juntos. Tu amame!» E continuou: «Em apenas um mês tomei a decisão: seguir Jesus por onde Ele me quisesse levar. O importante era “estar juntos”, onde Ele quisesse». Por outro seu escrito, referindo-se à fundadora, sabe-se que Madre Mazzarello lhe foi de modelo. Escreveu: “Soube conhecer Deus no próximo; soube amar a Deus no próximo; soube servir Deus no próximo”. Agradava-lhe o contacto com pessoas de diferentes línguas e culturas. «Gostava de viver numa comunidade internacional e preparava-me para servir melhor no compromisso que me fora confiado» dizia, referindo-se à internacionalidade vivida no Instituto, como docente e também em férias, aquando das suas vindas de Lovaina. Disse: «Considerava uma riqueza o contacto mais direto com a Madre e as Madres». Reconhecia que essa proximidade deixara uma marca profunda no seu coração na linha da abertura filial, leal, confiante para com as Irmãs que exerciam serviço autoridade. Testemunha que, em certa ocasião, quando vivia um momento de confusão interior, à interpelação da Madre: “Há alguma dúvida no teu coração”, respondeu com um decidido “não”. Todavia, continua, «logo me arrependi e telefonei à Madre. O encontro que me propocionou foi uma lição inesquecível sobre o modo de viver a caridade na verdade, reconhecendo as dificuldades e chamando-as pelo nome. Foi uma aprendizagem que me incutiu coragem e confiança no exprimir o meu pensamento às Superiores e me ajudou a favorecer a mesma liberdade nas irmãs, a fim de encontrar a verdade na caridade.

‘Deixar a própria terra’ foi mote que acompanhou Madre Antónia e que pode ser constatado em diversos momentos. Por exemplo, numa sua nota

lemos: «Não gostava de lecionar e Deus pediu-me para deixar a terra dos meus projetos». Recorde-se que esteve ligada à docência durante cerca de trinta anos! Esse foi tempo precioso em que a sua inteligência perspicaz e a sua riqueza cultural e espiritual contribuíram para o desenvolvimento da faculdade *Auxilium*, para o aprofundamento dos estudos sobre a educação da mulher e sobre o rosto mariano do Instituto, chamado a promover a cultura da vida. Madre Antónia primava na importância que dava às propostas educativas, principalmente voltadas para a mulher, porque geradoras de atitudes e comportamentos capazes de mais vida. Na sua ótica, educar uma mulher é formar um povo; é gerar o futuro; é um meio para sair da pobreza e via para a construção da paz. Madre Antónia acreditava que a educação está sempre aberta a encetar caminhos de diálogo e de solidariedade, pelo que promoveu iniciativas de relevo. Entre elas, o *Congresso interdisciplinar e intercultural*, por ocasião do Centenário da morte de S. João Bosco: *Verso l'educazione della donna oggi*. Outra das suas convicções era a da comunhão; uma comunhão aberta à interculturalidade e capaz de qualificar as relações; sempre pronta a acolher as diferenças como riqueza. Amava dizer que as nossas comunidades educativas podem tornar-se sinal profético, sendo laboratórios onde se aprende a viver a colaboração e se promove a partilha de uma mesma missão. Assim era o seu estilo de animação. Como Provincial, “poderia dizer que foi uma novidade absoluta, o modo de conduzir as reuniões, sempre direcionadas ao respeito mútuo e à interação. Nada de pistas preferenciais; todas as achegas eram tomadas em consideração. Com ela aprendíamos a viver em escuta, apontando para a convergência, em projetos elaborados e assumidos conjuntamente. Com ela, as comunidades educativas soltaram o voo. Sabia partilhar grandes ideias sem temor; e todos os intervenientes a compreendiam”, testemunhou a Ir. Franca De Vietro.

Durante o seu magistério, com clareza e audácia evangélica, Madre Antónia sublinhou a cultura da vida e a promoção da mulher jovem na sua dignidade. Favoreceu o empenho por uma cidadania ativa e promoveu uma modalidade circular de animação, mais valorizadora dos recursos de cada pessoa e maior testemunho de comunhão. Encorajou as comunidades educativas a serem laboratórios de vida e de reciprocidade. Apoiou a importância de educar para a solidariedade e para a construção de uma convivência humana no signo da paz e do amor, ambos radicados nos

valores do Evangelho. Testemunhou a radicalidade do seguimento de Jesus, centro da sua vida e fonte da fecundidade da missão.

Eleita para o Conselho geral e depois como Superiora, Madre Antónia aceitou a obediência em atitude de fé e de renovada certeza de ser Maria a verdadeira Superiora do Instituto. Assim, escreveu: «Sempre me fascinou a confiança, a coragem e a disponibilidade de Maria à vontade de Deus, desde a Anunciação até ao Calvário. O seu “Eis-me, faça-se em mim a Tua vontade” educou-me e continua a educar à obediência da fé e acompanha-me neste caminho que nunca está feito». A ilustrar este seu percurso, está a mensagem que mandou às suas irmãs, aquando da eleição como Visitadora. «Depois das notícias de ontem, muitas interrogações assaltaram a vossa mente como, não vos escondo, também a minha. Sim, se falarmos com critérios humanos, apetece dizer: porquê apenas depois de um ano, em que mal começámos a conhecer-nos e a partilhar projetos; porquê depois de tantos meses de oferta, de oração e de trepidação? (Recorde-se o grave acidente rodoviário que sofrera pouco antes) Porquê?! A estes ‘porquê’ só o Senhor sabe responder. Ajoelhemos e adoremos juntas a sua misteriosa e amorosa iniciativa. A abertura de coração que recebi de vós, na fé, é tesouro que levo comigo e para vós é garantia de novas graças, de crescimento na fé e na fecundidade apostólica da Inspetoria».

Nas suas linhas de animação e de governo, Madre Antónia insistia na Palavra de Deus e nas Constituições. Humanizar a cultura e as relações à luz da mensagem de Jesus e do carisma salesiano, era um empenho preciso que identificou a sua missão de Madre e de formadora. As suas orientações claras, sobre o aprofundamento dos documentos da Igreja universal e o incentivo à leitura do contexto atual, ajudavam a perceber que, na sociedade globalizada, cada escolha tem repercussões mundiais.

Madre Antónia impulsionou importantes projetos. Destacamos: o *Projeto Mornese*, o *Projeto de espiritualidade missionária* e o *Projeto Jerusalém*. Apoiou a elaboração de três livros marcantes na vida e missão da FMA e do magistério salesiano: *Projeto formativo do Instituto*, *Linhas orientadoras da missão educativa* e linhas para a *Cooperação ao Desenvolvimento*. Propocionou celebrações especiais por ocasião do 125º aniversário della primeira expedição das FMA para as missões, incluindo a festa da Gratidão mundial, em terras onde aportaram e trabalharam as primeiras missionárias. Acolheu com alegre surpresa e gratidão as possibilidades de

pastoral, comunicação e formação oferecidas pelas novas tecnologias. Também ajudou a viver com alma outros acontecimentos significativos da história: a passagem ao terceiro milénio e o Jubileu do ano 2000, lançando o desafio de vivermos um ‘novo Sim’; a 10ª *Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, onde participou e discursou; também o congresso sobre a Vida Consagrada: *Paixão por Cristo, Paixão pela humanidade* e ainda, em colaboração com o Conselho geral, animou as reflexões que desembocaram na criação de um Gabinete dos Direitos Humanos, com sede na cidade de Veyrier, Suíça. Sob a sua orientação, o Instituto emitiu o pedido para obter a sua acreditação junto do ECOSOC (*Economic and Social Council*) das Nações Unidas, cujo reconhecimento permite estar presente nas reuniões da ONU e, no Gabinete de Direitos humanos e permite agir autonomamente, a respeito do VIDES internacional, que já tinha sido acreditado.

Madre Antónia teve a alegria de ver reconhecida, pela Igreja, muita da santidade vivida nas nossas casas: a beatificação das Irmãs Maria Romero, Eusébia Palomino, madre Madalena Morano, FMA martirizadas em Espanha e da serva de Deus Ir Teresa Valsé Pantellini.

A celebração do centenário da morte de Laura Vicunha e o 125º da morte de Santa Maria Domingas Mazzarello também foram ocorrências levadas a cabo durante o seu governo e motivo de diálogo, nas circulares sobre a vocação à santidade, o ardor missionário, e como educar as novas gerações. Tomar a peito o mandato do Instituto desde as origens: “A ti asconffio”, também caracterizou o serviço de Madre Antonia, assim como Maria Auxiliadora que sempre teve um lugar central nas suas reflexões.

Madre Antónia também tinha, ainda que raras vezes, os seus ‘cinco minutos de impaciência’; mas pedia desculpa diversas vezes, sem *ses* nem *mas*, sem insistir nas suas razões. Dizia simplesmente: “estava nervosa”, ou então “perdi a paciência”. Não buscava atenuantes para justificar as suas reações. Não tinha defesas, mesmo quando o seu *ser transparente* criava dificuldades nas pessoas complicadas. A sua coerência e verdade de vida eram uma lição formidável.

De Madre Antónia, diz a Ir. Franca De Vietro, sua secretária: «Senti-a sempre ‘Mãe’. Descobri nela esta dimensão de vida que gera outra vida. Não se saía da sua presença sem se sentir revigorado por dentro. Percebia-se que não só se recebe mas também se tem sempre algo para dar».

Na casa que a acolheu nos últimos tempos, a sua presença foi um dom de serenidade e de verdadeiro testemunho de fé teologal. Inseriu-se fraternamente na comunidade, grata por cada pequeno gesto de atenção recebido; era dependente em tudo, de uma submissão livre, simples não passiva. Colaborava na revisão dos perfis biográficos das Irmãs falecidas, dedicava-se com gosto à leitura e intensificava a oração. Tinha-se tornado ‘toda oração’. O seu olhar luminoso evocava outro lugar, onde o silêncio com Deus não sofre variações e é cada vez mais intenso e profundo. A sua oração preferida era: “*Volo quidquid tu vis... quomodo tu vis, quando tu vis, quia tu vis*” (Quero o que tu queres, como tu queres, quando queres e porque o queres), rezada na atitude de “*nada antepor ao amor de Cristo*”, como havia aprendido do santo seu protetor. A Nossa Senhora, dizia com frequência: “Madre mia fiducia mia”. E escreveu: “entrego-me a ti, Mãe de Jesus e minha mãe: o Teu amor de mulher e de mãe me ajude a compreender a profundidade do mistério do Amor de Jesus”. Síntese mais curta da Aliança de Amor, vivida na fé, que se traduz em fidelidade é a obediência, como resposta ao “Eis-me, cumpra-se em mim a Tua Palavra”. “Eu creio no Teu amor. Ensina-me a amar e a deixar-me amar». “Estaremos sempre juntos. Tu ama-me”. Era o eco de quanto havia escutado no começo da vocação e ao longo de toda a vida.

## PARA INTERIORIZAR E REZAR

❖ Leio a ‘escolha de fundo’ de Madre Antónia, *a partir do testemunho de uma sua secretária, Ir. Rosa Clemente*:

*“Respondi ao chamamento de Jesus entregando-me completamente a Ele. Muitas vezes me encontrei a viver situações que jamais teria escolhido. Mas escolhi seguir Jesus, portanto, aceitei e amei o que Ele me pedia ou permitia que me acontecesse. A total entrega a Jesus dá sentido pleno e positivo a cada acontecimento da vida”.*

❖ Na mesma esteira, que ensinamento tomo ou reavivo na minha resposta a Jesus?

❖ Que passo concreto me proponho dar para que, em mim e na Província se torne novo e mais vital o “sim” de há 150 anos e o da minha profissão?